

Capítulo 1

LITERATURA E LITERATURA POPULAR?

Casos exemplares

Manuel Viegas Guerreiro

Desejo, antes de mais, saudar quantos aqui estão presentes para dar sua contribuição a este singular colóquio das Artes da Fala, da fala do povo, já se vê, e no lugar próprio, o coração do Alentejo, onde a palavra poética será ouvida, dita, cantada, é como consubstancial ao espírito do povo.

Não é nossa intenção, minha intenção, apenas expor friamente, discutir academicamente ideias, formas, normas literárias, mas tirar delas as consequências sociopolíticas que se impõem. Mal viremos ou estar, se não soubermos aproveitar este raro tempo de ampla liberdade, onde não faltam já sinais de uma possível opressão. E daí que o que vou dizer parecerá num ponto ou noutro ter ressaibos de *comício*, o que me não importa, já que de magistral conferência se não trata.

Entremos em matéria.

Um merecido louvor; o de terem Paulo Lima e o professor Freitas Branco criado este espaço aberto para ouvir, sem reticências e no lugar próprio, a voz inspirada, e em alguns casos profética, social e politicamente autorizada de poetas alentejanos, ou directa ou indirectamente por via de autorizados comentadores.

Pelo que me toca, um esclarecimento: o meu discurso tem um só destinatário: o povo, o comum povo rural alentejano, a quem venho *dizer a minha missa*, que, suponho, aqui terá algum efeito. Colegas de ofício, estudantes adiantados e os que com poucas ou nenhuma letra ou experiência ensinou, pouco ou nada terão de levar para casa.

Titulo da minha intervenção: "Literatura e literatura popular? Casos exemplares". Logo se põe em dúvida a existência de duas literaturas, tal como as apresentam os *sábios da escrita*. E repare-se que separam uma da outra, a primeira a autêntica *literatura*, a outra, *inferior*, como adiante se verá. Vamos primeiro com eles até onde os deixemos.

Define-se *literatura* como o conjunto de obras literárias de um país, de uma época. *Literatura portuguesa, literatura portuguesa do século XVIII.*

Até aqui não há lugar, formalmente, para duas literaturas uma vez que se não exclui a que o povo cria. Mas seguem-se normas de composição, a teoria literária a observar:

- a) conhecimento da gramática;
- b) adequado aproveitamento de autores, lidos.

Logo, uma *literatura* de letrados onde não cabe a do povo, por analfabeto ou de poucas letras. Esta noção geral de *literatura*, a que se tem na escola, da primária à universitária. Os manuais dela se ocupam. A que anda na voz do vulgo, a das quadras e romances, fábulas e contos, ditos e provérbios chama-se-lhe *popular*, para lhe fixar a origem, a fonte donde brota, mas muito mais para dizer de *menos preço*, de outra e inferior qualidade. E há até quem a considere uma filha degradada, uma subespécie da dita *culta*.

O termo até nos aparece para nos dizer que uma ideia, um conceito, são *populares*, de pouco ter em conta. Agregam-se textos desta origem a *selectas literárias* nas escolas, mais para alívio do ensino sério do que como matéria educativa. E por isso mesmo é que pouco se reflecte sobre o conteúdo moral das narrativas, que não raro são deseducativas, como a do macaco juiz, que toma para si o que é alheio ou a que premeia a entrega ao dono de objecto que se achou, o que tudo vem de duvidosa moralidade, socialmente reprovável.

Só quando o vulgo começa a entrar de pleno direito na vida política da nação com o liberalismo, do começo do século XIX por diante, é que se abrem os olhos para a sua arte verbal. E foi Garrett quem primeiro a estudou e quis mesmo reformar a literatura portuguesa pela imitação de seus modelos; mas atenção, depois de os afeiçoar ao seu gosto, que tais como os ouviu os tinha por rudes e toscos.

Depois de Garrett é com o estudo científico dos costumes populares que o apreço da voz poética do povo ganhou novo impulso. E aí estão Teófilo Braga, Adolfo Coelho e Leite de Vasconcellos. Mas cuidado, que as limitações são *muitas e profundas*. Para Teófilo Braga o povo é "...rude, inculto, ingénuo, classe baixa, inferior... a poesia... espontânea, pura, voz incontrolada dos sentimentos, quase como a das aves e o sopro dos ventos..." (81). A gestação popular tira, pois, toda a possibilidade de lucidez intelectual. Salva-se-lhe só, a pureza da inspiração.

Adolfo Coelho, educador, que utiliza como substância da sua obra a narrativa do vulgo, vai dizendo dele que é inculto, atrasado, instintivo em seu comportamento, "incapaz de organizar sistematicamente os seus conhecimentos". Não se eleva a "altas concepções teóricas", "à sua arte falta o cunho da individualidade, da originalidade, da superior complexidade". E basta de defeitos assinalados por um grande investigador, mas que do povo fala tendo sempre vivido arredado dele, e sempre utilizando textos de segunda mão.

Leite de Vasconcellos, que o povo amou e com ele tratou, também o tem por ignorante e ingénuo, reconhecendo-lhe, porém, arte "exuberantemente lírica". Como bom evolucionista, atribui-lhe aptidão para criar obra perfeita, mas aprendendo as regras, já se vê, que entretanto compara a seixos que, milados, vão dar a preciosas jóias líricas.

E com quem ficamos depois? De modo geral com gerações que foram vivendo sob o controlo político de um estado, primeiro constitucional, republicano e logo totalitário, por meio século, acomodando-se umas, sofrendo e resistindo outras sob feroz perseguição que ia do desemprego ao cárcere e ao assassinio. Deixem-me que lhes conte, um tanto ao lado do meu tema, o que aconteceu a um amigo e colega de curso, o melhor aluno da Faculdade de Letras de Lisboa, Alberto Emílio de Araújo. Preso, de regresso de Moscovo, já licenciado, é metido num calabouço do Governo Civil de Lisboa, onde ele e outros mal tinham chão para se sentar. Chamado a confesso, pelas noites dentro, em vão o torturaram. Deportaram-no, depois, para o Tarrafal de Cabo Verde, sem julgamento, e aí o tiveram dez anos, ao cabo dos quais o mandaram para Portugal, tuberculoso de um rim, que não houve meio de curar. Mário Dionísio, também nosso colega na Faculdade, evoca com grande emoção o seu funeral em notícia publicada na revista *Vértice*. Ainda não foi prestada a cidadão de tão grande estatura política, social, intelectual, a homenagem nacional que merece. O pequeno busto de Almada parece-me pouco.

E retomemos o fio ao discurso. Os estudiosos da nossa literatura continuam publicando manuais com total ausência da literatura popular.

A propósito vou reproduzir o que uma vez escrevi:

Os homens de letras pertencem, na sua maior parte, a meios urbanos, a gentes mais ou menos abastadas, que pouco convívio têm com o povo iletrado, cujas artes desconhecem ou não admiram. Na escola, só excepcionalmente se tem de ocupar deste aspecto da cultura, persiste uma tradição literária... aristocrática, livresca. E ainda quando procede do povo depressa o erudito se esquece, se chega a estar lembrado, dos seus tesouros artísticos. Transita de um estrato social a outro e nele fica fechado. E nem os que quebram as algemas desse limitado universo intelectual e descem do palácio à rua para aclamar o povo e os produtos do seu engenho alcançam às vezes a liberdade que buscam. Se todos admiram as ideias, não faltam os que depreciam as formas. E já vimos isso.

Caiu-se numa excessiva valorização da escrita, como se só ela desse ciência e arte. E deste falso juízo comunga o próprio povo, que não raro se lamenta de sua ignorância, proclamando que quem sabe são os que andam na escola. Não é de outro modo que se exprime a poetisa de talento Rosa Helena Rodrigues, de Beringel:

Mesmo que tenhas idade
 É bonito vires aprender
 Verás quanto é bom saber
 Podes ter a liberdade
 De dizer isto é verdade
 Porque eu acabei de ler.

Como se a palavra escrita fosse certificado de verdade. *Podes escrever, ouve-se, para dizer isto é verdade.* E mais:

Se tiveres boa vontade
 E aprenderes com alegria
 Não sentirás arrelia
 Porque aprender, na verdade,
 É sair da obscuridade
 Transformar a noite em dia.

e entramos, então, no mundo da luz, saídos das trevas.¹

Não podemos, é evidente, negar os prodigiosos benefícios do ler e escrever, o que, sim, queremos é que se não despreze a sábia lição que dia a dia e fora da escola a vida nos vai dando.

Concretizemos um tanto a nossa exposição.

Tenhamos diante um poeta erudito em processo de criação. Consciente ou inconscientemente foram-se elaborando as tramas de um poema — a invenção só aparentemente é espontânea. À inspiração segue-se o ofício de escrever, que tem seus preceitos. E a poesia ou traduz um aspecto de realidade do mundo em que se vive, da comum realidade, ou a transcende e se transita ao domínio da transcendência, em que supremas verdades se ocultam à relativamente limitada visão do ser comum que somos, e aí estão os poetas maiores de hoje e de sempre.

Não é de outro modo que nasce e se cumpre a poesia na génese popular. Porquê, então, inferior? Nos temas? Que haverá de novo no homem que o homem não tenha aprendido ou suscitado ao longo de tempos sem conta? Primitivismo? Que contrafacções à pura filosofia da vida não têm sido criadas pelo espírito moderno, em descanso e liberdade?

Proscreeva-se, definitivamente, a falsa ideia de um povo inculto, porque não andou na escola, ou pouco a frequentou, de artes menores, que inspiração, talento e ciência não são exclusivos dos doutores das letras.

Como remate de doutrina provemos, lendo e comentando alguns textos exemplares de poetas alentejanos, já que no meio deles estamos, que não há, repetimos, uma literatura superior, a dos mestres da escrita, e outra inferior,

1 Beja, *Poetas Populares do Concelho de Beja* (1987), p. 90.

a do vulgo que se tem por ignorante, mas só uma, a *literatura*. Comecemos em Portalegre, com Francisco Martins Baptista:

*Sou poeta popular
Eu adoro a poesia
Não posso isto negar
Porque, negando, mentia*

1

Sou poeta porque sou
Não aprendi com ninguém
Foi isto que a minha mãe
Sendo pobre me deixou.
Foi dela que me ficou
O condão familiar
Por isso quero dar
Mais vida a este motivo
Dizer enquanto for vivo
Sou poeta popular.

2

Comecei a fazer quadras
Quando guardava gado,
Com a ponta do cajado
Escrevia nas estradas.
Ficavam ali marcadas
Alguém passava e as lia
Logo o boato corria
Com o máximo carinho
E assim desde miudinho
Eu adoro poesia.

3

Hoje não posso esconder
A minha inspiração
Pelo prazer que me dão
Os versos que sei fazer.
Gostaria eu de ser
A voz do povo a falar,
Com palavras a rimar,
Dizer o que há de novo,
gosto de tudo o que é povo
Não posso isto negar.

4

Repito ninguém ensina
 O poeta a ser poeta
 Ao nascer segue directa
 A via a que se destina.
 É uma graça divina
 Que recebem cada dia
 Por essa ordem eu queria
 Se pudesse ir mais além
 E confirmá-lo acho bem
Porque negando mentia.

Aqui se exprime um conceito que devia ser comum e ainda não é, o de que se nasce poeta, virtude que se não aprende. E não traz sinal de riqueza nem de pobreza, é ou não é de todos.

Outra nota a registar: poesia vive-se, como força que se não reprime. É a voz do povo que o poeta quer publicar, transmitir. E o sentido de transcendência está na *graça divina*.

E passemos a Évora, com Gil Quintas, mestre na arte de compor quadras. Assim o tem Paulo Lima, hoje quem mais sabe, entre nós, deste género de poesia; que escreve: "...o poeta popular Gil Quintas.

Eis a quadra:

*Abalei da minha terra
 e olhei para trás chorando
 adeus terra da minha alma
 Tão longe me vais ficando*

1

Numa noite tão rigorosa
 fui mostrar o meu valor
 eu fiz de mim vingador
 numa noite tão brigosa
 minha mãe tão carinhosa
 subiu ao alto da serra
 viu andar meu peito em guerra
 e o meu coração em perigo
 e por conselhos de um amigo
abalei da minha terra.

2

Subi as altas campinas
 vi altos medonhos rochedos

passei as noites com medo
 até vir a luz divina
 vi a estrela melancolina
 por ela me fui guiando
 por Deus do céu fui bradando
 que acudisse a um desgraçado
 lembrou-me o meu pai amado
 e alzei para trás chorando.

3

Na relva verde do prado
 encontrei-me com a negra fome
 se a Virgem me não acode
 pelas feras era tragado
 para passar mais um bocado
 recostei-me à verde palma
 para que passasse mais a calma
 estive um pouco descansando
 eu despedi-me soluçando
aius terra da minha alma.

4

Minha mãe bem me dizia
 que de casa não abalasse
 tuão quanto eu precisasse
 tuão ela me daria
 tristeza e melancolia
 tuão a mim se vem chegando
 tuão por mim vai passando
 e parece que é obra de castigo
 é por essa razão que eu digo
ão longe me vais ficando.

O texto desenvolve um caso de emigração clandestina.

Levado de palavra de amigo, sem ouvir as preces de sua mãe, meteu-se a caminho para França.

Caminhos ínvios, montes rochosos, altas campinas, dia e noite escondido, acrissado pelo medo e pela fome, o coração partido de saudades da terra e da família, eis o quadro dramático que se nos representa.

Uma entre as muitas e tormentosas odisseias da imigração.

E chegámos a Portel, o berço e o coração deste nosso colóquio. E de Portel é o poeta José Isidoro Mestre Madeira. Tiro do livro de Paulo Lima, p. 107, *Poetas de Cá*, esta nota biográfica: "...Só frequentou a escola durante

algumas semanas, nunca aprendeu a ler ou escrever. Desde os seis ou sete anos que começou a trabalhar no gado, como ajuda no princípio, hoje como pastor. Sempre viveu em *montes*. Pertence à família conhecida como os *Barriga Verde*, alcunha pela qual é conhecido. Além de homem de quadras, também é famoso pelo *cante*, nomeadamente por um tipo particular conhecido pelo *cante das gralhas* (cantigas a um a só voz sem recurso a instrumentos, tendo como base uma quadra dobrada que é cantada com a *batida* do fado)."

Leio e comento, entre várias, uma sua composição:

*Só o pastor não faz greve
Nunca despreza o seu gado
O pastor não lê nem escreve
E é ele o mais educado*

1

Trabalha todos os dias
Até mesmo no feriado
É mal recompensado
E tem poucas regalias
Nas noites de Inverno e frias
Onde o vento bate leve
Quando cai chuva de neve
E não ganha o necessário
Não luta por mais salário
Só o pastor não faz greve.

2

Não tem um dia de festa
Na serra guarda o rebanho
Quando vai ao povo é estranho
Pois a sua vida é esta
Mesmo que durma uma sesta
Ou numa pedra sentado
Tem que ter a seu cuidado
Todos esses animais
Não tem novas como os mais
Nunca despreza o seu gado.

3

Ao romper da bela aurora
É quando sai da choupana
Não tem um fim-de-semana
E sua vida não melhora

Cá no *monte* aonde mora
 Eu quero-lhe dizer breve
 Como não teme nem deve
 Deixar a obrigação
 Só pensa na produção
O pastor não lê nem escreve.

4

Nunca vai a reuniões
 E sente-se muito orgulhoso
 Não tem um dia de gozo
 Nem nas praias ou excursões
 Gosta de fazer acções
 E muito ser respeitado
 Foi pena não ter estudado
 Para ser mais instruído
 Mesmo sem ter aprendido
E ele o mais educado.

Anda com o gado pelo monte, de manhã a noite, ao vento e ao frio; é a sua gente e com ela fala:

Queres ouvir o que uma ovelha
 Um dia me disse a mim
 Não quero ir para Vila Boim
 Nem para a Carrada da Telha.

Isto me faz lembrar o meu pai, que dos dezasseis anos em diante foi moiral de ovelhas na beira-serra do Algarve, com as quais também falava, levando cada uma delas pelo seu nome.

Tão soldado está José Mestre ao ofício que, indo ao povo, no povo se sente estranho.

Ler e escrever não é para a sua absorvente lida, que lhe dá dignidade e lhe não dá tempo para distracções mundanas. E, se lamenta não ter andado mais na escola, contrapõe o muito que lhe tem ensinado o seu mister de pastor, que tem como a melhor fonte de educação.

Terminemos com estas décimas de José António Charrua Serra, da aldeia de Amieira, também de Portel:

*Coitado de quem é pobre
 Triste de quem nada tem
 Quem é rico sempre é nobre
 Ainda que seja um ninguém*

Fadista que de fora vem
Fazendo-se de muito abonado
Por todos é respeitado
Ainda que seja um ninguém.

Denúncia poeticamente vigorosa de injustiças sociais, mas aceitação pacífica, resignada, de desgraça para a qual se não acha remédio. Não se cerram os punhos em expressão de revolta.

Creemos que os exemplos aduzidos, pela riqueza do seu conteúdo, de seus ritmos e rimas, provam suficientemente a razão e o absurdo que consiste em separar da literatura tida por superior, por erudita, a que vem do povo e se tem por inferior.

E aqui acabo.